CONTROVÉRSIAS NA DENOMINAÇÃO DA ILHA DO MARANHÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA GEOGRAFIA

Antonio Cordeiro Feitosa[1]

O acervo bibliográfico relativo ao Estado do Maranhão compreende um significativo volume de trabalhos de interesse geográfico. Entretanto, através da análise desse acervo, pode se constatar que alguns fenômenos têm sido explorados com maior profundidade enquanto outros estão a merecer mais atencão dos pesquisadores.

Relativamente à ilha onde se situa a capital do Estado, encontra-se um acervo relevante, embora muitos tópicos ainda reclamem uma investigação sistemática. Por outro lado, tópicos já explorados são marcados por controvérsias que têm comprometido a producão do conhecimento pertinente.

No presente, a dupla denominação da ilha em questão salienta-se como um dos tópicos controvertidos, face à sua focalização no contexto dos programas de Geografia e História dos cursos de primeiro e segundo graus. Isto compromete, ainda que parcialmente, a formacão de estudantes desses graus de ensino e o estudo dessas disciplinas ao nível de terceiro grau, onde a formação é mais específica.

Diferentes vocábulos denominaram a ilha onde se situa a cidade de São Luiz desde sua ocupação. Alguns por causalidade, outros por extensão de locativos erroneamente reconhecidos. Atualmente, nos relatórios de pesquisa e livros didáticos disponíveis, encontram-se referências a esta ilha ora como Ilha do Maranhão, ora como Ilha de São Luiz. A dupla denominação é responsável por frequentes dúvidas entre os estudiosos.

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para a definição do problema focalizado: a eliminação das controvérsias sobre a denominação da ilha em questão. Com sua publicação, pretende-se despertar o interesse de pessoas e instituições sensíveis ao problema, para que assumam a responsabilidade de solucioná-lo. Não se pretende encerrar a questão, mas sim apresentar subsídios para sua solução.

Entende-se que o seu alcance emergirá como subsídio à ação de professores de Geografia e História, especialmente nos níveis de primeiro e segundo graus, onde o problema se insere com maior gravidade, o que se pode constatar através da análise dos livros didáticos disponíveis ou de um inquérito envolvendo professores e alunos desses níveis de ensino.

Como referência a uma constatação do problema, organizou-se a bibliografia consultada, discriminando as obras que citam a ilha como Ilha do Maranhão, Ilha de São Luiz e ambas as denominações.

---

1. *Professor de Geografia do Departamento de História e Geociências da Universidade Federal do Maranhão.*

GEONORDESTE; Ano IV, nº 1, 1987, pp. 71/76.

DENOMINAÇÕES DADAS À ILHA

A literatura relativa ao conhecimento da costa maranhense contém informações de natureza geográfica e histórica registradas ao longo de cinco séculos, desde a realização das primeiras viagens através do Oceano Atlântico durante a segunda metade do século XV. No decorrer desse período, foram levantadas muitas dúvidas sobre a localização e denominação dos acidentes geográficos ao longo do litoral e os fatos históricos a eles relacionados.

Possuindo uma grande extensão e sendo povoado por aborígenes selvagens, o Brasil apresentava sérios obstáculos à ocupação do seu território. O propósito de consolidar a posse da terra brasileira levou a coroa portuguesa a instalar feitorias ao longo da costa, que deram origem às primeiras cidades. Esse processo de ocupação não se estendeu efetivamente até a costa maranhense que ficou despovoada durante todo o século XVI, apesar das tentativas neste sentido.

O desenvolvimento econômico da França, Inglaterra e Holanda, à época, possibilitou a estas nações a obtenção de tecnologia náutica e capital para financiar conquistas além-mar. Paralelamente, a perspectiva da riqueza das terras brasileiras despertou a cobiça dessas nações que, sabendo estar o litoral apenas esparsamente ocupado, realizaram incursões em diversos locais com o objetivo de fundar colônias, obrigando a coroa portuguesa a intensificar o sistema de defesa.

Entre as hipóteses formuladas para explicar a ocupação da ilha em estudo, salientam-se as relacionadas a essas incursões. A ocupação definitiva ocorreu em setembro de 1612, comandada por Daniel de La Touche, e foi consolidada através da construção de um Forte ao qual deram o nome de São Luiz, em homenagem ao monarca francês que reinava àquela época.

A correta localização da ilha onde se construiu o Forte de São Luiz foi estabelecida pelos franceses naquele mesmo ano. Sua denominação, entretanto, foi atribuída pelos grupos indígenas que a ocuparam antes da chegada dos franceses. Ao longo da história, a ilha recebeu as seguintes denominações:

Upaon-Açu

Embora existam referências à presença de portugueses na ilha ocupada em 1612, desde o naufrágio da expedição de Aires da Cunha em 1535, o que também é objeto de controvérsias MEIRELES (1982:42), não foram encontrados registros ou citações relativas a esse período que destaquem o nome da ilha.

Sobre a presença dos franceses, PINTO (1909:69) afirma que "em 1594 foi o Maranhão visitado por Jacques Riffault, armador de Diepe que, chegando com três navios à Ilha do Maranhão, nela estabeleceu-se". MEIRELES (1982:33) informa que Jacques Riffault saiu da França a 15 de março de 1594 com a pretensão de se estabelecer em Potiiu, atual Rio Grande do Norte, tendo chegado ao Maranhão acidentalmente.

Durante a ocupação francesa, foi escrito o mais antigo trabalho sobre a natureza e o modo de vida dos primitivos habitantes do Maranhão, intitulado "Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas", de autoria do padre Claude d'Abbeville, membro da missão religiosa que acompanhou Daniel de La Touche. O autor assinala que a ilha era denominada Upaon-Açu pelos aborígenes. Esse vocábulo foi traduzido como Ilha Grande do Maranhão.

A denominação de Upaon-Açu continuou sendo usada pelos índios paralelamente à de Ilha Grande do Maranhão. Com a descaracterização da cultura e a perda de importância ou desaparecimento dos índios, o mesmo se deu com o termo "Upaon-Açu", que é usado atualmente apenas em alusões àquela cultura.

ILHA DO MARANHÃO

Precisamente um dos mais antigos registros do emprego do vocábulo Maranhão para designar a Ilha Upaon-Açu surgiu durante a ocupação dessa ilha pelos franceses. Nos relatos das viagens feitas anteriormente à região, pode-se constatar a existência de informações imprecisas quanto à localização e denominação dos acidentes geográficos do Golfão Maranhense devido à similaridade entre estes ecos do Golfão Amazônico.

Atestando a confusão reinante até o início do século XVII, MEIRELES (1982:38) anota a análise da obra

de Theve, sobre o Brasil, feita por Suzanne Lussagnet. A autora conclui que, "no século XVI havia confusão entre o rio Amazonas, chamado Marinon pelos espanhóis, após a viagem de Orellana, e o triplo estuário do Mearim, Itapecuru e Munim, conhecido pelos portugueses sob o nome de Maranhão". Fundamentada na obra Cosmographie, de Jean Alphonse, a mesma pesquisadora afirma que, entre os navegantes franceses conhecedores da região, não havia qualquer dúvida quanto à localização dos referidos golfos.

Dentre os pesquisadores que estudaram a toponímia da área do Golfão Maranhense, MARQUES (1970: 438) esclarece que o vocábulo "maranhão", anteriormente atribuído ao rio Amazonas, foi empregado pelos portugueses para designar "a grande enseada por onde desembocam no mar as águas dos rios Pindaré, Mearim, Itapecuru e Munim, e igualmente a ilha situada no meio desta grande enseada e na qual foi fundada a cidade de São Luís". Este mesmo estudioso, entretanto, admite e formula questionamentos relativos à origem dessa denominação, face às poucas referências e à falta de fontes primárias de informação.

Para subsidiar as respostas a tais questionamentos, esse pesquisador fundamentou-se num artigo publicado em 1839, no jornal português "O Panorama" sob o título "Maranhão", sendo parte de uma obra intitulada Maranhão conquistado a Jesus Cristo e a Coroa de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus, escrita aproximadamente em 1750, e na História da Companhia de Jesus no Maranhão e no Pará, escrita pelo padre José de Morais.

Do artigo publicado em "O Panorama", Cesar Marques recolheu que a transferência do vocábulo "maranhão", do rio Amazonas para a então conhecida Ilha Grande do Maranhão, deu-se em razão do naufrágio da expedição de Aires da Cunha, supostamente ocorrido próximo à Ilha Grande, localizada na foz do rio Amazonas mas que, em verdade, deu-se no golfo formado pelas baías de São Marcos e São José. No artigo, o autor refere-se ao naufrágio afirmando que "disto sucedeu darem àquele lugar o nome de Maranhão, ou enganados e persuadidos que aquele era o rio Maranhão, ou querendo enobrecer a sua infelicidade, espalhando o seu naufrágio como acontecido na boca do rio Amazonas; deste acidente ficou até hoje o nome maranhão fixo à cidade e Ilha do Maranhão".

Como fonte principal, MARQUES (1970:438) considerou a obra do Jesuíta José de Morais, validando os seus argumentos de que a transferência do nome "maranhão", pelo qual era conhecido o rio Amazonas, para a maior ilha do Golfão Maranhense "foi em razão da semelhança que aos navegadores lhes parecia haver entre esta enseada do Maranhão e a do Grão-Pará". Convém destacar que a explicação do padre José de Morais parece mais coerente e contém evidências anteriores ao desastre da expedição de Aires da Cunha.

Pelas crônicas dos missionários franceses presentes na expedição de Daniel de La Touche, não transparecem dúvidas quanto à diferenciação entre o golfo do rio Amazonas e o Golfão Maranhense. Há, entretanto, frequentes referências à Ilha Grande, destacando-a das demais. Após a expulsão dos franceses, aos poucos o termo "grande" foi omitido, permanecendo a denominação de Ilha do Maranhão, ainda em uso nos livros de Geografia e História e alguns documentos oficiais.

Para melhor compreensão histórica do nome da ilha, transcreve-se parte do que escreveu d'ABBEVILLE (1975: 136) sobre o rio Maranhão: "não conhecem os índios nenhum rio com tal nome em sua terra mas tão somente uma ilha, a chamada Ilha Grande do Maranhão, de modo a diferenciá-la das demais existentes no lugar..."

Ilha de São Luíz

Entre as controvérsias já citadas, relativas à denominação da ilha onde está fundada a cidade de São Luiz, destaca-se que a mesma foi descoberta pelos franceses e por eles denominada "Ilha de São Luiz do Maranhão", em honra ao rei da França.

No que se refere à descoberta, o fato não é atribuído à expedição de Daniel de La Touche. A costa maranhense já era conhecida no final do século XV e a descoberta da ilha ficou inserida no contexto do descobrimento do Brasil em 1500, além do que, por direito, a região já pertencia à coroa portuguesa desde 1494, quando da assinatura do Tratado de Tordesilhas. Sobre essa questão é importante destacar o fato de os náufragos da expedição de Aires da Cunha ter ocupado a ilha no ano de 1535.

Não são encontradas informações que atestem o batismo da ocupada pela expedição francesa, em 1612, com o nome de Ilha de São Luiz. Esta era

ocupada pelos aborígines que a denominavam Upaon-Açu. Os franceses construíram o Forte e o denominaram "São Luiz" em honra ao seu rei. Como membro da expedição, Claude d'Abbeville descreveu a viagem, o desembarque no Porto de Jeviré e todos os eventos importantes que se lhe seguiram, inclusive a construção do Forte e não destacou qualquer interesse de Daniel de La Touche no sentido de estender o nome do Forte a toda a Ilha Upaon-Acu.

Da obra de d'Abbeville pode-se constatar que, após a construção do Forte, muitos grupos indígenas se transferiram para as proximidades deste, formando o aglomerado que originou a cidade que, por extensão, ficou conhecida com a mesma denominação do Forte. Mais tarde, com a importância da cidade, tanto no Brasil como na Europa, deixou-se gradativamente de citar o nome da antiga Upaon-Acu e os nomes "Ilha do Maranhão" e Ilha de São Luiz vêm sendo empregados paralelamente.

Outras denominações

Além das referências anotadas, encontram-se as denominações de "Jeviré", "Ilha da Trindade" e "Ilha das Vacas".

Raros são os trabalhos que citam o vocábulo "Jeviré" como designativo da ilha ocupada pelos franceses em 1612. Descrevendo a cidade de São Luiz, SERRA (1941:155) assinala que a ilha onde foi construído o Forte de São Luiz, era denominada "Jeviré" pelos índios, sendo cristianizada com o nome fidalgo de São Luiz.

No relato do desembarque da expedição de Daniel de La Touche, na então Ilha Upaon-Acu, d'ABBEVILLE (1975:53) escreveu: "...chegamos a Jeviré, na Ilha do Maranhão, habitada por índios tupinambás". Para MEIRELES (1982:41), o vocábulo "Jeviré" designava o porto indígena de Upaon-Açu, não sendo "mais que uma corruptela de Nazaré, na língua nativa". Nazaré teria sido uma povoação construída na Ilha Upaon-Acu por indivíduos salvos do naufrágio da expedição colonizadora de Aires da Cunha, ocorrido em 1535, em águas do Golfão Maranhense. A existência da povoação de Nazaré é muito questionada.

Considerando essas referências, pode-se constatar que a palavra "Jeviré" designava um ancouradoura dos canoas dos índios e que esse local foi usado para o desembarque da expedição francesa.

A denominação de Ilha da Trindade é destacada por MEIRELES (op.cit) como corrente no ano de 1513. Entretanto, não são conhecidas as razões de tal denominação.

MARQUES (1970:444) cita informações de autoria de Varnhagen. Sobre o assunto, segundo aquele historiador, "temos hoje para nós que a primitiva colônia fundada com o nome de Nazaré, pelos que escaparam do naufrágio ou naufrágios da expedição colonizadora do Maranhão, teve lugar na própria ilha onde depois se construiu a cidade de São Luiz, e que, por conseguinte, foi esta ilha a que se denominou de Trindade."

Validando esta informação, convém lembrar o consenso quanto ao acidente com a expedição colonizadora em 1535. Como a existência da povoação de Nazaré é questionada, a denominação de Ilha da Trindade não transcendeu àquele período.

A Ilha Upaon-Açu ficou conhecida como "Ilha das Vacas" cerca de meio século após sua ocupação, por colonizadores portugueses. Uma referência a esta denominação foi registrada por MARQUES (op.cit), sem alusão à origem do termo.

Por outro lado, não deve ter sido outra a razão dessa denominação, que não a existência de um pequeno rebanho de gado bovino trazido pelos colonos. Convém assinalar que tal rebanho, cinquenta anos após a colonização, não poderia ser tão grande, pois as atividades dos colonos priorizavam a agricultura.

CONCLUSÃO

Por ocasião das viagens de reconhecimento ou exploração da costa norte do Brasil, durante o século XVI, foram levantadas muitas controvérsias relativas à denominação dos conjuntos morfológicos litorâneos dessa região, particularmente os golfos amazônico e maranhense, em razão da semelhança entre ambos. Esse fato é aceito como uma das principais causas da transferência do nome "Maranhão" para a ilha que separa as baías de São Marcos e São José, então denominada "Upaon-Açu" pelos aborígines que a ocupavam.

Com a ocupação francesa a Ilha Upaon-Açu ficou conhecida como "Ilha Grande do Maranhão. Entre os

portugueses o vocábulo " grande " caiu em desuso e a antiga Upaon-Açu tornou-se conhecida apenas como "Ilha do Maranhão". Por razões pouco relevantes, a ilha foi denominada "Jeviré", "Trindade" e "Ilha das Vacas". Costumeiramente, tem sido conhecida como "Ilha de São Luiz", sem uma razão maior, exceto o fato de abrigar a cidade de São Luiz, cujo nome deriva do Forte de São Luiz, construído por Daniel de La Touche.

Na atualidade, o nome de "Ilha de São Luiz" tem sido empregado indevidamente. Duas razões suportam esta afirmativa. O fato de que a Ilha jamais foi batizada com tal nome e o de que seu território está ocupado por três municípios: São Luiz, São José de Ribamar e Paco do Lumiar. Quanto ao nome de Ilha do Maranhão, ainda que não haja referências a um batismo formal, há uma justificativa: a precedência histórica sobre o nome de"São Luiz".

Por outro lado, apesar de a maior parte das publicações oficiais citarem "Ilha de São Luiz", esta é apenas a validação do uso costumeiro desta denominação. Em algumas publicações, constam as duas denominações.

Pelo exposto, sugere-se que seja adotado apenas o nome de " Ilha do Maranhão" para a ilha ocupada pelos municípios de São Luiz, São José de Ribamar e Paço do Lumiar, no sentido de facilitar o seu estudo, nos diferentes níveis, e um conhecimento uniforme nos níveis cultural e turístico.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. Obras que citam Ilha do Maranhão

AZEVEDO, Aroldo de. Geografia do Brasil. 8 ed. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1977.

_____ O Brasil e suas regiões. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971.

BORGES HERMIDA, A. J. História do Brasil. 50 ed. São Paulo Editora, 1966.

COELHO, M. A. & SONCIN, N. B. Geografia do Brasil. 1 ed. São Paulo, Ed. Moderna, 1982.

d'ABBEVILLE, C. História da Missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e regiões circunvizinhas. São Paulo, EDUSP, 1975.

d'EVREUX, Ives. Viagem ao Norte do Brasil. Rio de Janeiro, Freitas e Cia., 1929.

DIBO, Dulcídio. Geografia do Brasil. São Paulo, LISA SA. 1972.

ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro, Enciclopédia Britânica Editores Ltda. 1972.

Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana. Barcelona, Hijos de J. Espasa Editores. Tomo XXXII.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda. 1968.

Larousse du XX Siècle. Paris. Librairia Larousse, 1931. Tome quatrième.

LOPES, Antonio. Meios de transporte na Ilha do Maranhão. Fundação Cultural do Maranhão, 1975.

LOPES, Raimundo. Uma Região Tropical, Cia. Ed. Fon-Fon e Seleta, 1970.

MEIRELES, Mário M. França Equinocial. 2 ed. São Luís. SECMA, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.

MIRANDA, Liberalino. As Ilhas do Maranhão. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. São Luís, I(1): 21-23, ago, 1926.

PINTO, Alfredo M. Chorographia do Brasil. 10 ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1909.

SÁ VALE, José Ribeiro de. Ilha do Maranhão. 2 ed. São Luís. Livraria Universal, 1930.

SCROSOPPI, Horácio. Lições de Chorographia do Brasil, Casa Duprat, 1922.

2. Obras que citam Ilha de São Luiz

CABRAL, Mário da Veiga. Geografia da América. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1961.

CUNHA, Murilo Alves da. Colegial intensivo. São Paulo, Abril Cultural-Educação, 1977.

Dicionário Enciclopédico SALVAT. Madrid, Salvat Editores, 1954.

Encyclopédia Britannica. Chicago.

Encyclopēdiae Britannica Inc., 1983.

Enciclopēdia Mirador Internacional. São Paulo, Enciclopēdia Britânica do Brasil Publicações Ltda, 1980.

Enciclopēdia do Estudante. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Geografia do Brasil: Região Nordeste. Rio de Janeiro, SERGRAF-IBGE, 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Rio de Janeiro, FIBGE, 1981.

LELLO UNIVERSAL - Dicionário Enciclopēdico Luso-Brasileiro. Lello & Irmão Editores, sd.

LUCCI, Alian Alabi. Trabalho Dirigido de Geografia do Brasil. São Paulo, Saraiva, 1979.

MARTINS, Rosa Mochel. Conheça o Maranhão. São Luís, SIOGE, 1971.

MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. 2 ed. São Luís, Fundação Cultural do Maranhão, 1980.

MORAIS, Lídia Maria de. Gente, terra verde, céu azul. 2 ed. São Paulo, Ed. Ática, 1982.

SERRA, Astolfo. Terra enfeitada e rica. São Luís, Oficina da Biblioteca Pública, 1941.

SILVEIRA, Simão Estácio da. Relação sumária das cousas do Maranhão. São Luís, SIOGE-UFMA, 1979.

VERBO. Enciclopēdia Brasileira de Cultura. Lisboa, Editorial Verbo, 1971.

3. Obras que citam tanto Ilha do Maranhão como Ilha de São Luiz.

FERREIRA, Justo Jansen. A Propósito da Carta Geográfica do Maranhão. São Luís, Tipografia Ramos d'Almeida, 1904.

LAGO, Antonio Bernardino P. do. Itinerário da Província do Maranhão-1820. São Luís, Departamento de Cultura do Estado do Maranhão, 1968.

MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão. Rio de Janeiro, Cia Ed. Fon-Fon e Seleta, 1970.

MONTELLO, J. Os Holandeses no Maranhão. 2 ed. Ministério da Educação e Saúde - Serviço de Documentação, 1946.

MOURA, J. de Abranches. A Ilha de São Luís. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. I(1): 21-30, agosto, 1926.

PACHECO, Fran. Geografia do Maranhão. Rio de Janeiro, 1924.

SERRA, Astolfo. A Balaiada. 3 ed. Rio de Janeiro, Bedeschi, 1948.